

**FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA CLÍNICA**

**ASPECTOS DAS CATEGORIAS DE ARISTÓTELES APLICADAS À  
FILOSOFIA CLÍNICA**

**ANÁPOLIS – GO  
2018**



# **ASPECTOS DAS CATEGORIAS DE ARISTÓTELES APLICADAS À FILOSOFIA CLÍNICA**

Artigo apresentado à coordenação da Faculdade Católica de Anápolis para obtenção do título de especialista em Filosofia Clínica sob orientação da profa. Esp. Aracelly Rodrigues Loures Rangel.

## ASPECTOS DAS CATEGORIAS DE ARISTÓTELES APLICADAS A FILOSOFIA CLÍNICA

Tatiana de Souza Santos<sup>1</sup>

Diogo Jansen Ribeiro<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo analisa aspectos das categorias de Aristóteles aplicados à Filosofia Clínica no que diz respeito aos Exames Categoriais. Foi necessária a comparação da forma convencional usada por Aristóteles, que diz respeito às categorias como modelo capaz de conhecer qualquer coisa, qualquer objeto, comparando-a com a forma utilizada pela Filosofia Clínica, onde essas categorias passam a ser utilizadas não como forma de conhecer qualquer coisa e, sim, como forma de localizar.

O filósofo clínico utiliza os Exames categoriais com a finalidade de localizar a malha intelectual da pessoa que o procurou em seu consultório. As Categorias de Aristóteles aplicadas a Filosofia Clínica contribuem de forma substancial para o enriquecimento do instrumental próprio da clínica tornando possível, ao filósofo clínico, localizar a pessoa com quem ele está trabalhando dentro do mundo dela.

**Palavras-chave:** Aristóteles. Categorias de Aristóteles. Filosofia Clínica. Exames das Categorias.

### INTRODUÇÃO

No desenvolvimento deste artigo foram tratadas as *Categorias* de Aristóteles, e a maneira como o filósofo grego demonstra como se pode conhecer qualquer objeto através das 10 categorias desenvolvidas por ele. A análise foi baseada na contribuição destas categorias de Aristóteles à filosofia clínica com relação aos Exames Categoriais.

Os exames categoriais referem-se a tudo o que está em volta do indivíduo, o universo no qual está inserido, ou seja, são exames iniciais que revelam o contexto e o universo da pessoa, tais exames representam o primeiro passo dentro da clínica, e é por meio deles que o filósofo tem acesso à estrutura de pensamento do partilhante<sup>3</sup>(OLIVEIRA, 2009) que está intrinsecamente relacionada à maneira como uma pessoa pensa. A estrutura de pensamento revela a maneira como a mente se estruturou

---

<sup>1</sup>Tatiana Souza Santos, Graduada em Filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis.  
Email: a.tatisos@hotmail.com

<sup>2</sup>Diogo Jansen Ribeiro, Mestre em Educação, Linguagem e Tecnologia. E-mail: diogojansen@hotmail.com

para se relacionar com o mundo, com as pessoas, com as ideias e com ela mesma. E desta forma os Exames Categoriais orientam o filósofo para que o assunto trazido à clínica pela pessoa, com o auxílio de sua historicidade, se transforme em material de análise.

Segundo Packter (2001, p.34):

Saber localizar existencialmente a pessoa dentro da Filosofia Clínica, é saber localizá-la dentro seu contexto histórico, cultural, político, religioso, linguístico, geográfico [...].

Essas informações são essenciais para a eficácia do trabalho desenvolvido. Então, os Exames Categoriais são uma ferramenta que capacita o terapeuta a localizar, e, conseqüentemente, estudar e conhecer a malha intelectual do indivíduo que procurou seus serviços terapêuticos. Esta pesquisa é bibliográfica e sua base de dados é descritiva.

## 2 O FILÓSOFO CLÍNICO

A Filosofia Clínica é a filosofia do acolhimento, como forma de terapia: Sendo assim, o filósofo clínico é aquele que acolhe. Etimologicamente a palavra acolher vem do latim e significa receber, aceitar. E dentro da clínica filosófica a perspectiva a ser utilizada pelo filósofo é exatamente esta, acolher a pessoa que o procurou em seu consultório solicitando seus serviços terapêuticos, aceitando-o com todas as suas angústias, dúvidas, conflitos, enfim, acolhê-la sem desrespeitá-la na sua subjetividade, numa parceria onde ambos se propõem a pensar juntos.

Para isto, frente ao partilhante a postura do Filósofo Clínico é despida de todo e qualquer pré-juízo, julgamento, preconceito, ou rótulo. Isto é, o filósofo assume a posição socrática de *só sei que nada sei*<sup>3</sup>, e se coloca no papel de um ouvinte atento que, antes de enquadrá-lo dentro de uma teoria, que o analisará pela ótica de critérios como normalidade x patologia, busca na metodologia da Filosofia Clínica, omeiomas

---

<sup>3</sup>Na Filosofia Clínica a inexistência do paciente torna aquele que busca ajuda um partilhante. Partilhante porque ele é aquele que partilha que participa ativamente de todo o processo clínico, compartilhando sua vida e suas angústias, suas dúvidas (AIUB, 2005).

<sup>4</sup> O filósofo clínico assume, de fato, a máxima socrática "sei que nada sei", e assume a postura filosófica daquele que busca constantemente o conhecimento, e não o do que detém o saber (AIUB, 2005).

adequados de ajudá-lo, respeitando a subjetividade do ser na história pessoal de cada ser humano.

Este conceito de cuidar das pessoas não é uma novidade na Filosofia, basta uma consulta rápida a sua história para esclarecer que está na “origem da filosofia o cuidado da alma” (AIUB, 2005). O que evidencia que a abordagem da Filosofia Clínica no mundo contemporâneo é praticamente um retorno da Filosofia as suas raízes terapêuticas, isto é, a Filosofia servindo ao homem como instrumento capaz de melhorar, através da reflexão, através da razão, a vida cotidiana das pessoas.

E como começou isso:

Na década de 1980, o papel terapêutico da filosofia é resgatado por um movimento denominado filosofia prática (Achenbach, 1989), com vistas à construção de uma atividade de ajuda ao outro, partindo do questionamento: se a psiquiatria e a psicologia utilizam a filosofia em seus métodos, por que um filósofo não poderia utilizar a metodologia própria da filosofia para ajudar as pessoas em suas questões cotidianas? O filósofo assume a função de cuidador, investido do conhecimento produzido em toda a história da filosofia (AIUB, 2005).

Com a Filosofia Prática, a Filosofia não se restringia mais apenas à vida acadêmica, ela amplia seu campo de atuação e acaba levando os filósofos para dentro dos hospitais, e dos consultórios. No Brasil foi o psiquiatra e filósofo brasileiro Lúcio Packter quem a introduziu no cenário nacional:

Ao fazer uma pós-graduação em Urologia, na Holanda, o médico psiquiatra Lúcio Packter descobriu um grupo de filósofos que fazia trabalho de aconselhamento. Começou a ver como isso funcionava em seu local de trabalho. Passou a entrevistar os indivíduos, todavia, percebeu que direcionava as respostas através das suas perguntas. Como consequência, foi estudar os filósofos que trabalham com a questão da historicidade, da hermenêutica, a fim de não direcionar mais as perguntas. Dando prosseguimento a essa pesquisa, cursou faculdade de Filosofia. Em 1994 montou o Instituto Packter, com sede em Porto Alegre, que constituiu o primeiro grupo de filósofos clínicos (OLIVEIRA, 2009).

Ao adaptar a Filosofia Clínica a realidade brasileira, Packter deu vida a um instrumental extremamente flexível capaz de formar Filósofos Clínicos com condições suficientes para ajudar as pessoas sem tirar-lhes a sua autonomia. Partindo da história de vida da pessoa, contada por ela mesma, (historicidade). Segundo Packter o filósofo clínico é aquele que “busca sentir a pessoa, o modo como toca, como olha, fala, como se movimenta, como se relaciona com o meio onde vive; o filósofo busca conhecer como esta pessoa está estruturada, quais os pré-juízos, emoções, paixões dominantes, papéis existenciais, entre outros dados, e como eles se relacionam entre eles mesmos e com o ambiente” (PACKTER, 2001, p. 86).

O filósofo clínico é, então, um profissional habilitado por um método fundamentado na filosofia que o torna capaz de pensar junto com a pessoa, ajudando-a a refletir sobre a realidade que a rodeia, sem manipulá-la, acolhendo a forma particular como este ser se estruturou no mundo, para buscar dentro das possibilidades encontradas na sua própria subjetividade o procedimento clínico mais adequado seu universo particular. Para tal, a filosofia clínica inicia seus trabalhos com os Exames Categoriais, uma herança aristotélica que será tratada neste artigo.

## 1.2 AS CATEGORIAS DE ARISTÓTELES

De acordo com Abbagnano (2007, p. 139) categoria é “qualquer noção que sirva como base para a investigação ou para expressão de um objeto em qualquer campo”. Isto é, categoria é um instrumento da lógica que auxilia a mente a conhecer e a expressar qualquer coisa, qualquer objeto que se queira.

Dentro do contexto filosófico, as teorias sobre categorias aparecem desde a filosofia clássica até o período atual, com os mais diferentes autores e linhas de pensamento. Mas é a definição de categoria entendida por Aristóteles que foi analisada neste artigo, e para o filósofo grego “tudo que se diz de um objeto é necessariamente categoria dele” (ARISTÓTELES, 1982, p. 09).

Aristóteles foi o primeiro filósofo da história da filosofia a fazer um estudo sistemático das ideias (conceitos) dentro da mente. Isso significa que ele procurou descobrir como funcionam as ideias e o mundo do intelecto no qual elas florescem. E ele entendeu que “todas as ideias podem ser reduzidas a dez grandes grupos, chamados predicamentos ou categorias. As dez categorias são: substância, qualidade, quantidade, ação, paixão, relação, tempo, lugar, posição, hábito” (MONDIN, 2008, p. 88).

Na sua obra, *As Categorias*, Aristóteles desenvolveu uma tabela decimal na qual apresenta as categorias como os modos do ser. Segundo ele tudo que existe tem um ser, então qualquer objeto que exista pode ser compreendido dentro de algumas de suas categorias, pois elas, em síntese, são apenas modos pelos e com os quais a inteligência pode compreender as coisas, os seres e a própria realidade. Isto é, “quando se diz de um objeto que ele é compreendido em alguma categoria, tudo o que se diz da categoria, também se diz do objeto” (ARISTÓTELES, 1982, p. 18), que quer dizer que conhecendo a categoria conhece-se o objeto.

As Categorias de Aristóteles podem ser entendidas de uma forma mais clara, pois se para o filósofo grego não existe nada que esteja na mente que não tenha passado

pelos sentidos, então as mãos ao entrarem em contato com a realidade de um pequeno frasco de perfume, criam na minha mente a ideia de um pequeno frasco de perfume, que pode ser conhecido através de suas dez categorias. Isto é, ele tem substância, quantidade, existe num lugar, num tempo [...] e assim sucessivamente.

E assim é também com as pessoas. Portanto, essas são as categorias aristotélicas que funcionam da seguinte forma:

Ora, dize de 1 sujeito: 1º — Ele é branco, preto, — hábil, feliz, caridoso, etc. : *qualidade*. 2º — Ele é grande, pequeno: *quantidade*. 3º — Ele está próximo, afastado, — pai, filho etc.: *relação*. 4º — Ele bate, guia, fala etc.: *ação*. 5º — Ele apanha, é guiado etc.: *paixão*. 6º — Ele está em Paris, Roma etc.: *lugar*. 7º — Ele está de pé, deitado, sentado etc.: *situação*. 8º — ele nasceu em 1900; Roma foi tomado por Alarico em 410: *tempo*. 9º — Ele está vestido, armado etc.: *hábito* (JOLIVET, 1982, p 277).

Então, segundo Aristóteles, é correto dizer que todas as ideias, assim como os objetos, podem ser reduzidas a estas dez grandes categorias, sendo a função de estas categorias auxiliarem a inteligência no que se refere a conhecer os seres, pois é através delas que se sabe sobre sua substância, sua qualidade, quantidade, ação, paixão, relação, tempo, lugar, posição, hábito.

Para isto, basta uma observação rápida na maneira como a própria mente conhece o mundo, e os objetos que o compõem para uma melhor compressão do pensamento do filósofo. Pois o conhecimento de qualquer coisa, para Aristóteles, só é possível porque os objetos não existem isolados do mundo, numa dimensão de realidade que não tem nenhuma relação entre si. Os seres estão em interseção uns com os outros, e conhecê-los equivale a conhecer as categorias com as quais eles se relacionam.

## 2 AS CATEGORIAS DE ARISTÓTELES APLICADAS À FILOSOFIA CLÍNICA

A base teórica da Filosofia Clínica é composta de autores como: Protágoras (480-410), Aristóteles (384-322), George Berkeley (1685 – 1753), David Hume (1711-1776), John Locke (1632-1704), Immanuel Kant (1724–1804) e outros autores que se dedicam ao conhecimento da pessoa, o que faz com que o filósofo clínico conte com um patrimônio de conhecimento de mais de 2000 anos de história. Sendo assim, a “Filosofia Clínica é a filosofia acadêmica direcionada à clínica” (PACKTER, 2001, p.11). O recurso empregado para alcançar o objetivo proposto pela Filosofia Clínica “divide-se em três partes: exames



categoriais, estrutura de Pensamento e os submodos<sup>5</sup>”(AIUB, 2000, p. 06). Percebe-se que os Exames Categrorais representam o primeiro passo dentro da clínica, e é justamente a esses exames que as *Categorias* de Aristóteles deram sua maior contribuição.

Mas se as categorias de Aristóteles são apenas modos pelos quais se pode conhecer qualquer objeto, e a Filosofia Clínica é uma terapia que cuida de pessoas, e não de objetos, em que sentido as categorias podem contribuir para o trabalho clínico?

É que na Filosofia Clínica as Categorias não são vistas como modo de conhecer qualquer coisa, e sim modos de localizar. Localizar o partilhante no mundo. Isso significa que em Filosofia Clínica o filósofo, com o auxílio dos Exames Categrorais consegue localizar a pessoa que está participando de sua clínica dentro do seu próprio mundo (AIUB, 2000). Sendo assim:

O objetivo de usarmos as categorias em clínica é o de localizar existencialmente a pessoa. Através dos exames categrorais o filósofo saberá o idioma da pessoa, seus hábitos, sua época, a política, entre outros aspectos que podem ter importância”(PACKTER, 2001, p.33).

São os exames categrorais que tornam o filósofo clínico capaz de entender o partilhante dentro do seu contexto histórico. E está é a grande contribuição de Aristóteles à filosofia clínica, a possibilidade de localizar a pessoa que participa da clínica, com todas as suas dores e suas angústias, conhecendo as categorias com as quais elas se relacionam.

Assim a contribuição das Categrorais de Aristóteles à Filosofia Clínica é imensurável, pois os Exames Categrorais representam o primeiro passo dentro da clínica. E se, na visão do filósofo grego, é o estudo das categorias que permite conhecer melhor, que seja um objeto há frente ou a própria realidade na qual se está inseridos, suas *Categorias*, desenvolvidas e aplicadas à Filosofia Clínica, capacitam o filósofo a conhecer melhor a pessoa com quem ele irá se relacionar no serviço terapêutico, tornando possível, através de sua fala, sua época, suas ideologias, seus hábitos, suas buscas, localizá-lo existencialmente, já que as categorias, “entendidas em seu sentido mais geral são: qualquer noção que sirva para investigação” (AIUB, 2000, p.26).

---

<sup>5</sup> Procedimento clínico que tem o objetivo de trabalhar as questões apresentadas pelo partilhante.

Sendo esse o primeiro momento na clínica denominado Exames Categoriais, sua relevância para o processo terapêutico como um todo é de extrema importância, pois a Filosofia Clínica é uma terapia que trabalha a partir de algo conhecido na linguagem clínica como: historicidade, que é a história da pessoa contada por ela mesma. E a historicidade vem auxiliar o filósofo no segundo momento da clínica, que é a construção da Estrutura de pensamento (AIUB, 2000). O terceiro e último momento, que são os submodos, onde o objetivo é trabalhar o assunto trazido pela pessoa:

Através do histórico da pessoa, contada por ela mesma, contextualizam-se suas questões, seu modo de ser, o que vivenciou, enfim, são colhidos os dados necessários à clínica. O método, neste momento, é fenomenológico, ou seja, a descrição da pessoa, acerca de sua história, é acompanhada sem maiores interferências ou interpretações, para que possa seguir seu próprio curso, e não outro traçado pelo filósofo (AIUB, 2000, p. 06).

Segundo Packter:

O filósofo clínico terá uma espécie de autobiografia da pessoa, e é a partir daí que o trabalho é realizado. Às vezes a pessoa apagou dez anos de sua vida e não se recorda de tê-los vividos – como um modo de lidar com um grande sofrimento que teve naquele período; as vezes é o contrário: ela se lembra perfeitamente daquele sofrimento porque acredita que é preciso sofrer muito nesta vida para alcançar o céu; as vezes a pessoa inventou fatos e criou enredos que jamais existiram como um modo pessoal de suportar uma existência difícil (PACKTER, 2008, p. 25).

Todo esse processo não seria possível sem o recurso dos Exames Categoriais, sem a localização existencial da pessoa, proporcionada pelas categorias da Filosofia Clínica, que difere das categorias de Aristóteles, cujo objetivo é conhecer e não de localizar, seria impossível colher um material satisfatório para a realização do trabalho terapêutico, assim as informações trazidas à clínica ficariam espalhadas, sem sentido ou objetivo.

## 2.1 EXAMES CATEGORIAIS

Para fazer uso das categorias de Aristóteles a Filosofia Clínica precisou alterá-las e adaptá-las segundo a necessidade da clínica. E então, na Filosofia Clínica, as categorias recebem o nome de Exames Categoriais, e o objeto de sua utilização é o de localizar existencialmente a pessoa dentro de mundo particular, universal, seja na sua relação com as pessoas, com sociedade na qual ela vive e está inserida. O que sente é

pensa; os Exames Categroriais são capazes de fornecer ao filósofo, inclusive, como a mente do partilhante funcionou para formular certos conceitos, prejuízos (AIUB,2005).

Em Filosofia Clínica os Exames Categroriais se reduzem a apenascinco,denominado de subdivisões, e, a saber, são eles: assunto, circunstância, lugar, tempo e relação. Isto é, o filósofo se servindo da herança aristotélica, utilizará destas cinco categorias para localizar existencialmente o partilhante que o procurou em seu consultório.

A primeira categoria clínica é a categoria assunto, ela se divide em dois momentos: assunto imediato e assunto último. “É comum à pessoa chegar ao consultório com um assunto específico. Eis a primeira categoria: assunto. O assunto imediato equivale ao que fez a pessoa a buscar a terapia” (AIUB, 2000, p. 26). Ele pode estar ligado a causas afetivas ou dores sem causas orgânicas, ou qualquer outro assunto que esteja incomodando a pessoa.

Percebe-se que o assunto último é o que interessa a investigação do filósofo, pois se trata de assuntos mais profundos, existências, e não queixas ou simples desconfortos pontuados no assunto imediato:

Já o assunto último refere-se às questões existenciais da pessoa, o que, de fato, será trabalhando em clínica e somente será conhecido pelo filósofo ao término dos exames categroriais, quando ouvirem elementos suficientes para compreender o que está passando com a pessoa. Muitas vezes o assunto imediato e assunto último em nada se relacionam. Por exemplo: a pessoa poderá chegar com o assunto imediato “dor de cabeça”, mas seu assunto último referir-sea seu relacionamento no ambiente de trabalho. Enfim, é a partir do assunto último que será desenvolvido o trabalho em clínica(AIUB, 2000, p. 26).

A categoria circunstância diz respeito ao contexto em torno deste assunto, as singularidades que acompanham sua história. A maneira como o partilhante vivência estas questões, seja de maneira sensorial, associando-as a sensação físicas, e a dimensão dos sentidos, ou abstratas, isto é, uma estrutura de pensamento muito voltada para a mente. Como ela se relaciona com seu corpo, permite conhecer a categoria lugar<sup>7</sup> :

---

·

<sup>7</sup>O nome lugar refere-se à espacialidade, não a espacialidade geográfica, mas a situação. Como a pessoa se sente, física e objetivamente.

“Isto é, o sentir-se bem ou malcomrelação ao seu próprio corpo, seu ambiente, as situações vividas. Nesta categoria o filósofo clínico observa as sensações de bem estar, mal estar e a que estão relacionadas” (AIUB, 2005, p.26).

Observa-se também com ela se relaciona com o tempo, e o tempo aqui, dever ser entendido como tempo convencional e tempo subjetivo. Sendo que o tempo convencional é o tempo do relógio, e o tempo subjetivo o tempo do discurso verbal:

A quarta categoria – Tempo – consiste em observar como a pessoa lida com o tempo. Como relaciona o tempo cronológico e o tempo subjetivo. As noções de duração, extensão, tempo de amadurecimento, noções que variam de pessoa para pessoa, mas que se relacionam a um tempo convencional, a hora relógio, por exemplo, os dias da semana, anos e assim por diante (AIUB, 2005, p. 27).

A categoria relação, diz respeito à forma como as outras categorias se relacionam, e a maneira como a pessoa se relaciona com as pessoas com as quais convive, com as instituições que frequenta, com os objetos. Enfim, sua relação com o ambiente e os objetos que a cerca. Segundo Packter (2001) os exames categoriais só terminam quando o filósofo se sente confiante para localizar existencialmente a pessoa. Para isto, ele precisou estar atento à frequência de certos assuntos, também a intenção e tonicidade de certos aspectos de sua vida interior e exterior. Um bom resultado nesta primeira fase possibilitará ao filósofo “contextualizar, com grande margem de aproximação, informações soltas ou agrupadas que a pessoa fornece” (PACKTER, 2008, p. 45):

Após dois ou três meses de trabalhos com a pessoa, o filósofo clínico terá referências mais estáveis sobre pontos importantes. Sobre os 5 anos de idade da pessoa, por exemplo, ele saberá qual era a questão ou questões com as quais a pessoa lidava à época (assunto); conhecerá todo o seu contexto em torno daquelas questões, e quais os aspectos relevantes desse contexto ( circunstancia); terá uma noção de como a pessoa vivia sensorialmente, sua vivência somática, em seu meio (lugar; poderá considerar com maior propriedade a temporalidade nessa pessoa, se o tempo era subjetivamente curto, longo, fragmentado, insignificante (tempo): terá ciência de quais era as relações determinadas a essa pessoa aos 5 anos de idade, se era com seus irmãos, com seus amiguinhos, sua professora, seu ursinho de pano ou talvez com ela mesma (relação). O filósofo terá um entendimento de interseção entre as 5 categorias (PACKTER, 2008, p. 28)

Encerrada essa primeira fase do trabalho terapêutico, onde a historicidade do partilhante é transformada, com o auxílio das categorias clínicas, em material de análise capaz de habilitar o filósofo a conhecer melhor a pessoa com quem ele está se relacionando, forma-se então, a estrutura de pensamento, para, a partir daí, buscar os procedimentos clínicos que mais se harmonizam com os assuntos, e as questões levantadas pela pessoa na clínica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resgatando o papel terapêutico da filosofia, a filosofia clínica é uma terapia que auxilia as pessoas em suas questões existenciais, através do diálogo e da reflexão, promovendo o bem estar pessoal. Partindo da ideia de que o Homem é a medida de todas as coisas (Protágoras - 1999), ou seja, que nós construímos a nossa vida a partir da nossa própria realidade subjetiva, a filosofia clínica é muito mais do que um aconselhamento baseado em reflexões filosóficas; Foi-se construído um instrumental metodológico eficiente que não se restringe a oferecer respostas prontas e, sim, a pensar junto. Para isto há uma série de procedimentos clínicos a serem adotados e, entre eles estão os exames categoriais, tema central deste artigo.

Usando como método de conhecimento a herança filosófica aristotélica, os Exames Categoriais permitem a localização existencial do partilhante. Isto é, conhecer uma pessoa dentro do seu mundo através das categorias com as quais ela se relaciona.

Foi analisado neste artigo o que difere a forma convencional de *Categorias* usada por Aristóteles, que diz respeito às categorias como forma de conhecer qualquer objeto, da forma trabalhada pelo filósofo clínico, onde as categorias são utilizadas como forma de localizar, localizar o partilhante, que seja dentro seu contexto histórico, cultural, ideológico, político, religioso, linguístico ou geográfico.

As cinco categorias da Filosofia Clínica, Assunto (imediate, último), Circunstância, Lugar, Tempo, Relação, constituem um dos três eixos fundamentais sobre os quais a filosofia clínica edificou seu instrumental metodológico. E são as informações colhidas através dos Exames Categoriais que capacitam o filósofo clínico a chegar até a estrutura de pensamento do partilhante. Sendo que a estrutura de pensamento é o segundo momento mais importante da clínica, que se encerra com os submodos, que diz respeito

aos procedimentos clínicos que melhor se encaixam a pessoa, respeitando a subjetividade que lhe é própria.

Assim, respeitando o ser na sua subjetividade, a Filosofia Clínica busca na história da pessoa contada por ela mesma, sem interferências de nenhuma espécie, os meios mais adequados para aliviar as angústias trazidas à clínica, e eventualmente, em conjunto com a pessoa, solucionar as questões apresentadas. E são os Exames Categroriais, desenvolvidos a partir das dez categorias aristotélicas, que fornecem ao terapeuta todo o suporte necessário ao trabalho a ser realizado. Sendo assim, a contribuição das *Categorias* de Aristóteles à Filosofia Clínica é imensurável, sem a qual a eficiência de todo o trabalho terapêutico ficaria comprometida, pois como foi analisado, o segundo passo mais importante da clínica é a estrutura de pensamento, e sem os dados oferecidos pelos exames categoriais, todo o processo clínico não passaria do primeiro passo.

## ABSTRACT

The objective of this article is to analyze the contribution of Aristotle to the Clinical Philosophy with regard to Categorical Exams. The methodology used in this research is bibliographical and its database is descriptive. For this it was necessary to compare the conventional form used by Aristotle, that refers to the categories like model able to know anything, comparing it with the form used by Clinical Philosophy. Where these categories happen to be used not as a way of knowing anything and, rather, as a way of locating. In conclusion, the research points out that some aspects of Aristotle's Categories applied to Clinical Philosophy come to enrich the clinic's own instrument making it possible for the clinical philosopher to locate the person with whom he is working within his world.

**Keywords:** Aristotle. Aristotle Categories. Clinical Philosophy. Examination of Categories.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*, 2007. São Paulo: Editora: Martins Fontes, 2007.

AIUB, Mônica. **“Sensorial e Abstrato” Como Avaliá-lo em Filosofia Clínica**. São Paulo: 2000.

\_\_\_\_\_. **Filosofia Clínica e educação**. São Paulo: Editora Wark: 2005.

\_\_\_\_\_. **A filosofia no consultório – Exames Categorias-** Revista Internacional de Filosofia Clínica. Instituto Packter, Porto Alegre/RS. Nº 1, Jan-Jun 2005. Disponível em: <[WWW.institutointerseção.com.br](http://WWW.institutointerseção.com.br)>

ARISTÓTELES: **As Categorias. Coleção os pensadores Os Pré-Socráticos** – São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

1982. S/E.

PACKTER, Lúcio. **Propedêutica**. Porto Alegre: Editora: AGE, 2001.

\_\_\_\_\_, L. **Buscas – Caminhos Existenciais**. Florianópolis: Editora Guararapes, 2004.

JOLIVET, R. **Curso de Filosofia**. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1982.

MONDIN, B. **“Curso de Filosofia” Os filósofos do ocidente – V. 3**. São Paulo: Paulus, 2003.

REALE, G; ANTISERI, D. **História da Filosofia – V.1**. São Paulo: Paulus, 1990.

OLIVEIRA, G. E. **FILOSOFIA CLÍNICA: O QUE É?** Jacarezinho. 2009. disponível em <[www.ueno.edu.br](http://www.ueno.edu.br)>

PROTAGORÁS. **Coleção os pensadores Os Pré-Socráticos** – São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.